

# Francisco Galeno: a arte como paisagem da alma de Brasília



» ROGÉRIO CARVALHO  
Arquiteto e curador

Amigo Francisco Galeno partiu, mas sua obra permanece entre nós com a força e a delicadeza de quem transformou a vida em expressão artística. Artista essencialmente brasileiro, profundamente vinculado ao Nordeste e à linguagem universal da cor, Galeno moldou sua trajetória com tintas intensas, formas simbólicas e uma imaginação fértil, sempre em sintonia com os elementos mais vivos da cultura popular. Sua produção artística dialoga com um universo simbólico que resgata a memória afetiva de uma cultura que resiste às transformações e ao esquecimento, revivendo tradições em formas contemporâneas. A força de sua obra está na capacidade de traduzir o regional em linguagem universal, fazendo com que a brasilidade se manifeste de modo genuíno e cheio de sensibilidade.

Nascido no Piauí, Galeno trazia em sua memória afetiva os saberes, os brinquedos, os gestos e os rituais do interior nordestino, que transfigurava em arte com uma sofisticação intuitiva. Ao chegar a Brasília, não encontrou apenas abrigo, mas um solo fértil para expandir sua criação. A capital modernista, com suas linhas puras e horizontes abertos, tornou-se seu grande campo de experimentação — uma cidade com a qual ele dialogava não só visualmente, mas poeticamente. Esse encontro entre o Nordeste e o modernismo brasileiro não só ampliou seu vocabulário plástico, como também o colocou em contato

com um público diverso e uma cena cultural vibrante. Brasília e sua arquitetura ofereceram a Galeno o espaço ideal para desafiar limites e reinventar-se em outros contextos, enriquecendo o imaginário da cidade.

Sua arte era profundamente autoral e singular. Galeno nos oferecia carretéis, pipas, estilingues, lamparinas, rodas e traquitanas — elementos que, mais do que objetos, funcionavam como símbolos da infância. Tudo ganhava cor e ritmo em suas mãos, compondo uma narrativa visual ao mesmo tempo lúdica e sofisticada, sempre impregnada de brasilidade. Essa relação com brinquedos e objetos do cotidiano, transformados em símbolos artísticos, revela seu olhar atento para as raízes culturais e a dimensão poética do que é simples. Galeno conseguia capturar a essência da infância brasileira, marcada pelo improviso, pela criatividade e pela alegria, e traduzi-la em obras que tocam tanto adultos quanto crianças, criando um diálogo atemporal.

Tive a alegria e a honra de colaborar com ele em momentos marcantes. Em 2009, na restauração da Igreja Nossa Senhora de Fátima, na 307/308 Sul — um ícone de fé e arquitetura criado por Oscar Niemeyer. A intervenção de Galeno foi delicada e precisa: respeitou a espiritualidade do espaço e, ao mesmo tempo, injetou nele uma nova vitalidade, criando uma ponte entre o sagrado e o cotidiano, entre o modernismo e o popular. Essa experiência colaborativa não apenas valorizou o patrimônio arquitetônico, mas também demonstrou o papel fundamental da arte na reinterpretação dos espaços arquitetônicos. Galeno trouxe para a Igreja uma nova camada de significado, reforçando a importância da arte como elemento integrador e transformador.

Mais recentemente, em abril deste ano, e em um gesto generoso, doou a obra *As quatro estações* ao Palácio do Planalto. A tela, vibrante e carregada de simbolismos visuais, agora integra

o acervo da Presidência da República. Trata-se não apenas de uma doação, mas de um ato simbólico: Galeno ofereceu ao país mais um pedaço de sua poética visual, reiterando sua crença na arte como bem coletivo. O fato de sua obra estar presente em um lugar tão emblemático traz reconhecimento oficial à sua contribuição para a cultura brasileira.

Sua relação com Brasília era visceral. Galeno não foi apenas um artista que viveu aqui — ele ajudou a moldar o imaginário visual da cidade. Está presente em bens públicos, nas paredes de instituições, nas casas, nos acervos, e, sobretudo, na memória afetiva de quem vive ou visita a capital. Ele fez de Brasília uma extensão de sua paleta e, em troca, a cidade o acolheu como um de seus mais sensíveis intérpretes. Sua arte é, em muitos sentidos, um patrimônio coletivo que ajuda a compreender a identidade plural de Brasília, uma cidade marcada por contrastes e pelo encontro de diversas culturas.

Francisco Galeno foi — e seguirá sendo — um dos grandes nomes da arte brasileira. Sua partida nos entristece profundamente, mas sua obra permanece viva, atual e necessária. Ele nos ensinou que a arte pode nascer do simples, do lúdico, do popular e, mesmo assim, alcançar o sublime. Sua trajetória é um convite para que olhemos para nossas raízes com respeito e curiosidade, valorizando o que é genuíno e autêntico em nossa cultura. Galeno nos mostrou que a arte, quando nasce do amor e do pertencimento, ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço, deixando marcas profundas e inspiradoras.

Que sua memória seja celebrada com a mesma intensidade com que ele viveu e criou. E que Brasília, cidade que ele ajudou a colorir com alma e poesia, continue reverberando sua presença em cada carretel, pipa ou estilingue que ainda dança no imaginário coletivo.

## Por que as pequenas empresas são essenciais na COP30?



» DÉCIO LIMA  
Presidente do Sebrae

A COP30 representa uma oportunidade única para o país se posicionar como líder global em desenvolvimento sustentável. No entanto, para que essa liderança seja genuína, é crucial que a voz das pequenas empresas, verdadeiros motores da economia e da conservação, seja amplificada e ouvida com atenção.

Esses empreendimentos são laboratórios vivos de inovação e sustentabilidade. Eles demonstram, na prática, que a floresta em pé é um ativo valiosíssimo, capaz de gerar renda, empregos e bem-estar para as comunidades locais, ao mesmo tempo em que protege a biodiversidade.

Em Rondônia, a Meu Pé de Árvore exemplifica a capacidade de transformar áreas degradadas em ecossistemas vibrantes, gerando renda para as famílias que dependem dela. No Pará, o Viveiro Florestal Ardoza, por sua vez, demonstra a importância de preservar a diversidade genética da Amazônia. E no Maranhão, a Memória Ancestral nos mostra o potencial inexplorado da biodiversidade amazônica para a produção de medicamentos inovadores, unindo ciência e sabedoria tradicional em prol da saúde humana.

Esses negócios formam apenas uma minúscula amostra do universo de pequenas empresas que estão, neste momento, em efervescência não apenas na Amazônia, mas em todo o país. Verdadeiros exemplos da economia circular, 32,7% dos pequenos empresários nacionais afirmam que têm abandonado o velho modelo linear de “extrair, produzir, consumir e descartar”, voltando para um sistema mais eficiente e sustentável, apoiados na reutilização, reparação, reciclagem e recuperação de materiais.

Ao dar espaço e voz a essas pequenas empresas, o Brasil apresentará ao mundo um modelo de desenvolvimento que vai além do discurso da sustentabilidade. Vamos apresentar resultados concretos, histórias de sucesso que inspiram e demonstram que é possível gerar riqueza preservando a floresta e a vida de seus habitantes.

A COP30 não pode ser apenas um palco para grandes corporações e governos. Ela precisa ser um espaço para que pequenas empresas compartilhem suas experiências e suas soluções. Ao ouvi-las, o Brasil terá a oportunidade de aprender com quem realmente entende a floresta e de construir um futuro mais justo, próspero e sustentável para todos.

O que realmente importa é que a COP30 pode transformar de maneira permanente a forma que o mundo se relaciona com a natureza. Estamos trabalhando na construção de uma nova geração de pequenos negócios, mais consciente, mais conectada ao seu território, mais preparada para os desafios e oportunidades de uma economia de baixo carbono. É uma oportunidade, pois o evento vai servir de inspiração na geração de novos negócios sustentáveis em todos os sentidos.

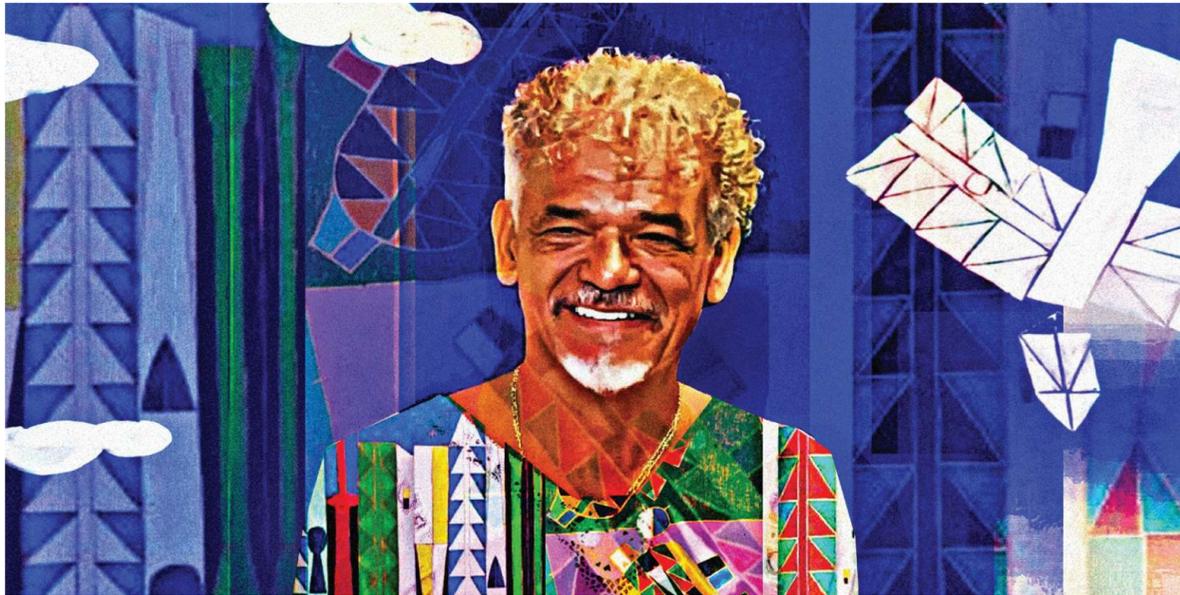
Para unir inovação e desenvolvimento na floresta, é preciso, antes de tudo, valorizar o conhecimento tradicional das comunidades indígenas e ribeirinhas, combinando-o com tecnologias modernas para criar soluções inovadoras e sustentáveis. É crucial desenvolver tecnologias adaptadas às condições da floresta, que sejam eficientes, de baixo custo e que utilizem recursos locais de forma sustentável.

O fomento à pesquisa e ao desenvolvimento é essencial, investindo para descobrir novos produtos e processos a partir da biodiversidade amazônica e para aprimorar as técnicas de produção e gestão existentes.

Já temos exemplos de empresas e projetos que estão unindo inovação e desenvolvimento na Amazônia, como negócios que utilizam tecnologias de ponta para monitorar a floresta, startups que desenvolvem produtos inovadores a partir de ingredientes amazônicos e projetos que promovem o uso sustentável dos recursos naturais.

O projeto de bioeconomia do Sebrae se concentra em impulsionar um desenvolvimento que seja simultaneamente sustentável e inovador. Para alcançar esse objetivo, atua no fortalecimento do empreendedorismo local, conectando e apoiando os empreendedores da região, com o intuito de elevar o patamar de desenvolvimento e atrair recursos que melhorem a qualidade de vida das comunidades.

As redes de inovação sustentável, as cadeias produtivas da bioeconomia, tudo isso veio para ficar. O Sebrae seguirá presente, como parceiro permanente do desenvolvimento local, promovendo políticas públicas, capacitação e acesso a mercados para esses empreendedores, mesmo depois que os holofotes da COP se apagarem.



Maurenilson Freire/CB/DA Press

## Problemas sociais e avaliação governamental no DF



» LUCIO RENNÓ  
Professor de ciência política da Universidade de Brasília (UnB) e coordenador do ObservaDF

Pesquisa recente do ObservaDF, publicada como relatório intitulado *Avaliação de Governo no Distrito Federal – 2025*, disponível em <https://observadf.unb.br/pesquisas/>, enfocou as percepções populares dos cidadãos e das cidadãs do DF sobre os piores problemas da região e a qualidade do serviço público no Governo do Distrito Federal (GDF). A pesquisa, realizada com 1.000 entrevistas em 29 regiões administrativas, entre 19 e 26 de abril de 2025, tem margem de erro de 3 pontos percentuais. É representativa da população urbana do Distrito Federal. Os dados, nota técnica e questionário estão disponíveis em <https://observadf.unb.br/dados/>.

A pesquisa revela que a saúde pública continua sendo a principal preocupação da população do DF, citada por quase metade dos entrevistados (49,2%) como o pior problema da região. A segurança pública (17,4%) e a corrupção (3,4%) aparecem em seguida na lista de problemas mais graves mencionados espontaneamente. Ao combinar as menções como primeiro e segundo problemas, a saúde é citada por 40% e a segurança pública, por 24%. Educação aparece em terceiro lugar no cômputo geral, com 6%. Ou seja, os problemas de sempre seguem preocupando a população do DF, com um crescimento

impressionante da preocupação e crítica à saúde pública em relação a pesquisas anteriores. A questão só se agrava, ao invés de melhorar.

Na avaliação geral do desempenho do GDF, o relatório aponta um equilíbrio, mas com uma leve prevalência de avaliações negativas. A soma das avaliações positivas (“ótimo” e “bom”) totaliza 30,2%, enquanto as negativas (“ruim” e “péssimo”) somam 34,8%, uma diferença de 4,6 pontos percentuais, superior à margem de erro. Uma parcela considerável (37,3%) avalia o desempenho como “regular”. Portanto, o GDF como um todo se depara com um cenário de moderada aceitação popular, com a população dividida em praticamente três grupos equivalentes.

Analisando as categorias extremas, a avaliação “péssimo” (22,5%) é significativamente maior do que “ótimo” (5,4%). Isso indica que uma parcela expressiva da população está muito insatisfeita. Já as avaliações de intensidade intermediária (“bom” e “ruim”) pendem mais para o lado positivo. São 19,4% que consideram o governo bom e 12,3% que o consideram ruim. Não obstante, as visões mais radicais sobre o governo são desproporcionalmente desfavoráveis.

A pesquisa também avaliou a percepção de melhora ou piora na atuação do GDF em áreas específicas no último ano. O governo é melhor avaliado em áreas como realização de obras (49,9% percebem melhora), promoção de eventos culturais (39,5%), oferta de ônibus de qualidade (38%) e incentivo à prática desportiva (34,2%).

A melhora na percepção sobre a oferta de ônibus (35,2% percebem melhora) é notável, especialmente porque historicamente era alvo de muitas críticas. Políticas como o programa Vai

de Graça e a possível renovação da frota podem ter alterado a percepção negativa em relação aos ônibus, que agora são vistos mais positivamente que o metrô, cuja avaliação deteriorou. Há uma significativa alteração na avaliação da população sobre os principais modais de transporte público coletivos. O metrô, melhor avaliado no passado, hoje é visto como tendo piorado no último ano.

Por outro lado, as avaliações negativas são intensas em áreas como combate ao feminicídio (46,1% percebem piora), combate à corrupção (45,2%) e atendimento à saúde (42,2%). Essas são as áreas em que a população demonstra profunda insatisfação. Questões de segurança pública ligadas a gênero, como combate ao feminicídio e ao assédio sexual (31,7% percebem piora), destacam-se como áreas com desempenho visto como deficitário e avaliações predominantemente negativas.

O relatório conclui que, embora haja reconhecimento positivo em áreas como obras e eventos, o governo enfrenta forte insatisfação em áreas críticas, como saúde, combate à corrupção e, particularmente, em questões de segurança pública relacionadas a gênero. Há uma clara relação entre os principais problemas identificados e as áreas pior avaliadas na atuação governamental. Saúde, segurança (incluindo violência urbana e temas de gênero), corrupção e educação seguem sendo problemas persistentes e áreas de substancial insatisfação. A avaliação popular serve como um instrumento importante de transparência e diálogo entre a sociedade e o Estado e de aprimoramento da qualidade dos serviços públicos. Pesquisas científicas sobre a opinião pública, dessa forma, contribuem para melhor o desempenho do governo.